

O balão, numa última agonia, rastejou pelas telhas, preguiçoso, sobre a casa a espalhar o que inda havia, no bujão, de seu óleo perigoso.

Que, infiltrado nas ripas, já se via tocado pelo fogo insidioso...
...O madeirame a arder, na noite fria e o incêndio, ao vento, a se alastrar odioso.

O homem que, à luta, pela vida adiante se entregou, para erguer sua morada, vê-a em cinzas tornar-se num instante!

Apatetado ante esse horror medonho, geme e gagueja, a contemplar, da estrada, a total queima do seu maior sonho...

Adélia Victória, A queima do sonho.

A voz da poesia 1106, Nº 93, fone, 5072-1665 (Sede) e 3289-2898 (Adriano) A voz da poesia 1106, Nº 93, fone, 5072-1665 (Sede) e 3289-2898 (Adriano)
Rua dos Bogaris 183, Mirandópolis; 04047-020 – São Paulo/SP

Mãe: em outras dimensões...
Hoje te dou o meu louvor;
em mim, deixaste lições,
e a voz eterna do amor!

Dina Marchetti Abad, 1105
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Nasceu com a anca pra lua
e se julga inteligente,
mas, verdade nua e crua,
tem é o pai muito influente.

Amilton Monteiro

Desperto, e ainda indolente
tenho teu corpo abraçado;
pois, sonhando no presente
vivo este amor do passado.

Fernando Câncio Araújo, 1401 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Ao reler o livro antigo,
grande emoção me tomou:
deu-me a impressão de um amigo
que de repente voltou.

Aurolina de Castro

Não há palavra mais linda
do que Mãe, que tudo encerra!
E mãe é presença infinda,
mesmo ao deixar esta terra...

Maria Thereza Cavalheiro, 1312
A Voz da Poesia: R. dos Bogaris
183; 04047-020 – São Paulo/SP

Sem notar que a vida passa,
esta emoção me extasia:
Meus netos correm na praça
onde, em criança, eu corria!

Carolina Ramos

Ao olhar o céu fugi deste Mundo.
Vivi os sonhos da alucinação.
Vi outras vidas e no contrafundo,
sei que o amor faz parte da fusão.

Vi que o Universo em frações de segundo,
tem o dom da matéria e a criação,
moléculas de cosmos, e é oriundo,
da poeira estelar em explosão.

E o homem quer chegar além no tempo,
na ínfima memória de um invento,
nesse negro buraco dos espaços.

Mas somente o poeta tem a nave,
o meteoro dos sonhos e a chave
de conduzir estrelas nos seus braços.

Antonio Lafayette, Um mundo extra.

É mulher do povo, pobre,
mas possui, do orgulho, o brilho.
Pois, no ventre, sem ser nobre,
traz um Príncipe: seu filho!

Walma da Costa Barros, 0703 Trovaregre
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Quando chegar, vou sorrir;
sorrirás, quando eu chegar.
Não chores quando eu partir,
para eu partir... sem chorar...

Izo Goldman

Já não sei se nos dói mais,
na estrada de tantos trilhos,
soltar-se da mão dos pais...
ou soltar a mão dos filhos.

Wandira F. de Queiroz, 1104 Trovia
alkalu77@gmail.com; visite:
www.falandodetrova.com.br

Tua partida me fala
do teu desprezo... um açoite!
E a saudade não se cala
nem na calada da noite...

Wanda Mourthé

Geir Campos, Alba. Os cem melhores poetas brasileiros do século, seleção de José Nêumanne Pinto, 2001.

Trovia 1002 – Antônio Augusto de Assis – alka77@gmail.com

Trovia 1002 – Antônio Augusto de Assis – alka77@gmail.com

Trovia 1002 – Antônio Augusto de Assis – alka77@gmail.com

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.05.14, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Advogado, Pampeiro, Urubu.
Até o dia 30.06.14, enviar até 3 haicus de quigos Broto de roseira, Dia da Juventude, Flor de café.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAI (TEMAS) DE OUTONO



Lua em plenilúnio.
Holofote de luar
branqueia a campina.
Angélica Villela Santos

Espirram nos olhos,
cascas de tangerina.
Olhos irritados.
Denise Cataldi

Bando de jandaias
que alegam nossos ouvidos.
Natureza bela!
Djalda Winter Santos

A lua acanhada
num canto às rivais dá chance
em noite estrelada.
Fernando Soares

Arrozal de outono
típico do pantanal
alegre colheita.
Honorina Fonseca Louseiro

Campo de boninas,
repleto de maravilhas,
o vento curvando.
Mª App. Picanço Goulart

Ainda está verde
doce de cidra esquecido
na velha dispensa.
Neide Rocha Portugal

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA



O clarão da lua
derrama luz prateada,
beleza se acentua. H
Alberto Siuffi

Goiaba madura
do vizinho vem o cheirinho.
Vamos à aventura.
Alberto Siuffi

Pula-pula gafanhoto
até cair no alcapão.
Menino sorrindo.
Alberto Siuffi

Relâmpagos no céu.
Aqui e ali se aclara
o chegar da noite.
Alberto Siuffi

Atento, um esquilo
aguarda, aos pés da nogueira,
ao sopro do vento. H
Amália Marie Gerda

Agradecimentos,
no Dia da Cruz Vermelha.
Sorrisos de amor! H
Amália Marie Gerda

O clarão da lua
empalidece a cidade
e a transfigura. H
Amália Marie Gerda

A terra emudece
deslumbra com o brilho
da noite estrelada...
Amália Marie Gerda

Mágico sereno!
O bosque acorda orvalhado...
Tudo se ilumina!
Amália Marie Gerda

Muito ocupada,
segue o seu trabalho.
Dia da Cruz Vermelha. H
Iracema Gomes

Andando por ruas
desertas, segue, sozinha.
Clarão da lua. H
Iracema Gomes

Pequeno e lépido
lá vai o exímio
roedor, esquilo. H
Iracema Gomes

Homenagem
a Oswaldo Cruz.
Dia da Cruz Vermelha. C
Manoel F. Menendez

A mata
iluminada.
O clarão da lua. H
Manoel F. Menendez

Esquilo na toca
alimentando-se bem.
Bens armazenados. H
Manoel F. Menendez

Mordida a pãra
o rapaz se estica todo.
Abundante suco.
Manoel F. Menendez

Movimentos rápidos
o esquilo se alimenta.
As patas dianteiras.
Manoel F. Menendez

Pequenas flores
e o amarelo-limão.
A cidra no pé.
Manoel F. Menendez

Na estrada sem luz,
caminhão segue viagem
ao clarão da lua. C
Renata Paccola

No parque, um esquilo
aparece de repente
e foge assustado. C
Renata Paccola

Judeus reunidos
no Dia da Cruz Vermelha
lembram Holocausto. C
Renata Paccola

No supermercado,
pãras verdes e amarelas.
Fregueses disputam.
Renata Paccola

No Parque da Disney,
o turista vê o esquilo
fugindo assustado.
Renata Paccola

Na praça, ao luar,
um casal de namorados.
Encontro de luzes.
Renata Paccola

Ao clarão da lua,
dedilhando o violão,
canta o seresteiro. A
Roberto Resende Vilela

Folhas balançando.
No chão caroços de frutas.
Sobe e desce o esquilo. B
Roberto Resende Vilela

Bombardeio aéreo.
No Dia da Cruz Vermelha,
crianças chorando. H
Roberto Resende Vilela

Fachos respingados
carros com faróis acesos –
cerração no vale.
Roberto Resende Vilela

O D E S O R D E I R O

Marcelo Rubens Paiva, OESP Caderno 2, de 05.04.14 – e-mail: marcelo.rubens.paiva@estadao.com

Muitos apontam o Golpe de 64 como resultado da instabilidade institucional e desordem provocadas pelo próprio governo João Goulart.

O Brasil vivia um conflito ideologicamente polarizado. Greves em diversos setores, como a de marinheiros, sublevação de tropas, comícios com bandeiras de partidos então ilegais (PCB) e palavras de ordem radicais assustaram parte da sociedade. A conspiração se generalizou e atravessou fronteiras. Mas o único que respeitou as regras estabelecidas foi justamente ele, o

desordeiro Jango – latifundiário acusado de ligações com comunistas, que empregou o diplomata Tiago Dantas, o banqueiro Walter Salles (ministro da Fazenda), e o empresário José Ermírio de Moraes (ministro da Agricultura).

Para uma democracia que não tinha completa- do a maioridade, depois de séculos de poder colonial, monárquico, regimes turbulentos, República Velha e Nova, outra ditadura, que vivia sob regras da Constituição de 1946, a rebelião de sargentos da Marinha e Aeronáutica,

incomformados com a decisão do STF de não reconhecer a elegibilidade de sargentos para o Legislativo, e conflitos agrários levantaram o clamor pela intervenção armada.

Como se hoje o estado democrático não sobrevivesse à ocupação de um terreno da M'Boi Mirim, de uma fazenda improdutiva, queima de pneus em estradas, bloqueios de caminhoneiros e índios, greves de professores, taxistas, agentes penitenciários, e a uma manifestação de PMs, com tropas de tiros com seus colegas da Polícia Civil, cercados por bandeiras

vermelhas de partidos de esquerda e centrais sindicais, a quadra do palácio do governo. Conflitos que aprendemos não temer e negociar democraticamente.

Os EUA encaram o assassinato de um presidente, de líderes de direitos civis e a renúncia de outro, a França ficou em chamas em Maio de 68, a Alemanha confrontou a Baader Meinhof, o Reino Unido, o IRA, a Itália, as Brigadas Vermelhas, a Espanha, o ETA, mas não penhoraram sua joia mais valiosa, a democracia.

Por aqui, ela não resistiu ao Comício da Central do Brasil. Jango pode ser acusado de frouxo por uns, inábil por outros. Não resistir e fugir do Brasil no dia 2 de abril decepcionou aliados. Incendiar com palavras e gestos um ambiente já volátil atizou a conspiração. Mas do começo ao fim, ele cumpriu a lei.

Numa época em que se votava separadamente para presidente e vice, Jango foi eleito vice-presidente em 1955 com mais votos do que o presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Na eleição de 1960, foi reeleito vice-presidente de Jânio Quadros.

Em 25 de agosto de 1961, Jânio renunciou de surpresa. Jango estava na China. Os ministros militares Sílvio Heck (Marinha), Odílio Denys (Exército) e Gabriel Grin Moss (Aeronáutica)

Na verdade, o único que respeitou as regras estabelecidas foi justamente ele, Jango.

ameaçaram derrubar o avião do novo presidente

por direito, caso voltasse. O líder da Câmara, Ranieri Mazzilli, foi empossado presidente.

Começou a "campanha da legalidade", para fazer cumprir o que a Constituição mandava. Parte do Congresso queria Jango, que esperou em Montevideú a solução da crise. Militares não cederam. Tentou-se a conciliação: mudar o regime político brasileiro. Em 2 de setembro de 1961, o parlamentarismo foi aprovado. Tancredo Neves se tornou primeiro-ministro.

Em 1962, eleições renovaram o Congresso. Foi convocado um plebiscito em janeiro de 1963, para definir se o País voltaria ao regime anterior. O presidencialismo ganhou de lavada, e Jango tomou o poder de fato e de direito. Tinha dois anos para governar. A eleição de 1965 estava garantida e seria uma barbada: Juscelino ganharia com folga, voltaria à Presidência.

Jango lançou o Plano Trienal: reformas institucionais para controlar o déficit público, manter a política desenvolvimentista, instaurar reforma fiscal para aumentar a arrecadação do Estado e limitar a remessa de lucros para o exterior, reforma bancária para ampliar acesso ao

crédito de produtores, nacionalização de setores de energia elétrica, refino de petróleo e químico farmacêutico, direito de voto para analfabetos e militares de patentes subalternas, desapropriação das áreas rurais inexploradas nas margens das rodovias e ferrovias federais, reforma educacional para combater o analfabetismo com Método Paulo Freire, abolição da cátedra vitalícia.

Uma pesquisa feita no período, encontrada recentemente nos arquivos do Ibope, mostra que 59% dos entrevistados eram a favor das medidas anunciadas no Comício da Central do Brasil. Outra mostra que 49,8% admitiam votar em Jango, se ele pudesse se candidatar à reeleição, contra 41,8%.

Em 20 de março de 1964, o general Castelo Branco informou a oficiais do Exército que aderiria ao golpe eminente. Foi a senha de que os conspiradores precisavam. O embaixador americano Lincoln Gordon recomendou remessa clandestina de armas e petróleo, e sugeriu que o governo americano preparasse uma intervenção. O presidente Lyndon Johnson

autorizou o envio de uma frota ao Brasil. A missão: invadir Pernambuco, para ajudar o golpe, se houvesse resistência. Seria a primeira vez na História que uma potência estrangeira nos invadiria.

Na madrugada de 31 de março, o general Olímpio Mourão Filho iniciou a movimentação de tropas em MG, incentivado pelo governador Magalhães Pinto. Em 1º de abril de 1964, Jango foi a Brasília e, depois, para o Rio Grande do Sul. No dia 2 de abril, numa manobra da mesa do Congresso, declarou-se a vacância do cargo, já que o presidente, em Porto Alegre, não estaria em território nacional. Mais uma vez, o presidente da Câmara, Mazzilli, assumiu a Presidência.

Brasília foi cercada pelo Exército. A junta que tomou o poder, general Costa e Silva, tenente-brigadeiro Correia de Melo e vice-almirante Rademaker Grünewald, instaurou o Ato Institucional, cassando o gabinete e políticos aliados do governo Jango. O resto você já sabe.

Pergunta: Quem realmente feriu a ordem institucional?

N A T A L N A B A R C A

Lygia Fagundes Telles, O Moderno Conto Brasileiro, Antologia Escolar, organização de João Antônio, 4ª Edição, Civilização Brasileira – <http://www.estantevirtual.com.br>

Não quero nem devo lembrar aqui porque me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com a barca tão despojada, tão sem artificios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

– Tão gelada – estranhei, enxugando a mão.
– Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

– De manhã esse rio é quente – insistiu ela, me encarando.

– Quente?

– Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com outra pergunta:

– Mas a senhora mora aqui perto?
– Em Lucena. Já tomei esta barca não sei

quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacaram-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era tranquilo.

– Seu filho?

– É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

– É o caçula?

Levantou a cabeça com energia. O queixo

agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce.

– É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico, quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Joguei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

– E esse? Que idade tem?

– Vai completar um ano. – E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: – Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Conseguira evitá-los até aquele instante. Mas agora não tinha forças para rompê-los.

– Seu marido está à sua espera?

– Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele sistema dos vasos comunicantes.

– Há muito tempo? Que seu marido...

– Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, e Bila enfeiou, de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito... Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal,

brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tadinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escola. Sou professora.

Olhei as nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom e quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espia pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, ainda via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Intocável. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos. Aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez andar.

– A senhora é conformada.

– Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

– Deus – repeti vagamente.

– A senhora não acredita em Deus?

– Acredito – murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela confiança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-o do ombro direito para o esquerdo. E começou, com voz quente de paixão:

– Foi logo depois da morte do meu menino.

Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfeiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele... Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse uma mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, só se mostrasse um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma!

Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha

sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto. Em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei a olhar para o chão. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei pensativamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim.

– Estamos chegando – anunciei.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

– Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

– Acho melhor nos despedirmos aqui – disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

– Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

– Acordou?!

Ela sorriu.

– Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

– Então, bom Natal! – disse ela, enfiando a sacola no braço.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

Vejam... nove de ouros, ih, período desfavorável, contratempo, contrariedades, obstáculos, calma, querida, vamos em frente... oito de espadas, cruces, morte de um ser muito próximo, falência, deterioração de uma ligação afetiva, calma, querida, tome este copo d'água, gluglugu, sim, desculpe, está quente, concordo, preciso comprar um ventiladorzinho, bom, vamos em frente... cuidado, xi, pobrezinha desmaiou, ai Jesus, primeiro dia primeira cliente... 1

Trânsito cada vez mais estrabulega, seu padre, exe, qualquer hora largo tudo e vou viver num canto qualquer do sertão mineiro, exe, chega dessa cidade apressurada, chega de comer inosso e beber salgado, exe, esqueci de abaixar a bandeira 2, chega de... aie!, seu padre não é seu padre coisa nenhuma, embusteirice, sim... aqui esta toda a fêria do dia, sim senhor, exe. 2

Está bem, minha velha, está bem, entendi... vidinha besta, esta, casal gemeundo terminar vida perrengue numa cama... está bem, minha velha, está bem, entendi, vou rezar pra você ir primeiro, entendi... pobrezinha não aguenta mais o futum dos meus puns. 3